

## DIÁLOGOS SUSTENTÁVEIS II

# Os economistas é que **estão verdes**

**A** economia verde é tema central na Rio+20, mas será que os economistas estão maduros para essa discussão? Para Guilherme Leal, fundador da Natura e do Instituto Arapyauá, não: “A grande maioria dos economistas não está preparada e poucos se dispõem a esse debate”.

Buscando corrigir essa “falha de mercado”, Arapyauá, Funbio e Vitae Civilis organizaram nos últimos meses uma rodada de debates – os Diálogos Sustentáveis. O terceiro encontro está agendado em plena Rio+20, em 15 de junho, com a presença de Ricardo Abramovay, professor da FEA-USP, Tim Jackson, professor de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Surrey, autor do relatório *Prosperity Without Growth* e o ex-presidente do Banco Central Armínio Fraga, sócio fundador da Gávea Investimentos.

No encontro realizado em maio, vozes ligadas tanto à economia ecológica como à “clássica” debateram os instrumentos para a transição ao novo modelo: José Eli da Veiga, professor de pós-graduação do Instituto de Relações Internacionais (IRI) da USP, Paulo Bastos Tigre, professor titular do Instituto de Economia da UFRJ, e Samuel Pessoa, chefe do Centro de Crescimento Econômico do Instituto Brasileiro de Economia (Ibre) da FGV.

Um dos pontos altos foi a discussão sobre o papel do mercado, do Estado e dos indivíduos nessa transição. Ao entender a crise ambiental e social como uma falha de mercado, e não apostar muitas fichas na evolução ética individual, Pessoa defendeu que o Estado exerça o seu papel regulador. “Não acredito no indivíduo e o mercado em si não dá a solução”, disse.

Veiga rebateu que a busca da certificação socioambiental de produtos, em busca de competitividade no acesso a mercados, é uma mostra de que instrumentos de mercado que respondem a uma pressão da sociedade podem, sim, funcionar. E, para argumentar que há uma evolução ética em curso no campo ambiental, traçou um paralelo com o fim da escravidão. “Nunca vão conseguir provar que a escravidão foi combatida porque ficou mais barato não ter escravos – os tais princípios éticos tiveram dificuldade de chegar nos parlamentos, mas chegaram e foram decisivos.” Ao final, Leal concluiu: “Falhas de mercado não se resolvem só com bom mocismo, mas ainda assim as lideranças éticas são necessárias”. **POR AMÁLIA SAFATLE**



## DIÁLOGOS SUSTENTÁVEIS III

### RAZÕES PARA OTIMISMO

**A** Rio+20 não deve ser comparada com a Rio 92 nem com a Conferência do Clima em Copenhague, a COP 15. Mas sim com a Rio+10, realizada em 2002 em Johannesburg, defende José Eli da Veiga, professor do IRI-USP. “Esta, sim, um tremendo retrocesso.” Segundo ele, foi quando “embutiram de contrabando” o *triple bottom line* (TBL) – o que serviu como brecha para não discutir meio ambiente como se deveria. Isso porque este passou a visto apenas como um dos três pilares, e não como o sistema maior em que o econômico se insere.

Com essa base de comparação, Veiga qualifica-se hoje como um “otimista cauteloso”. E enumera pelo menos quatro razões. A primeira, por conta dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que podem ser definidos para 2015. “Não porque serão implementados, mas porque vão provocar um debate mais focado que não havia desde 1992. “Nessa discussão, certamente aparecerá a questão econômica”, prevê.

A segunda, pela possibilidade de chamar a atenção de instituições como o Banco Mundial e o FMI para acelerar a suplantação do uso do PIB como principal métrica. A terceira, pela proposta de os países dobrarem a participação

das fontes renováveis no *mix* energético. E a quarta, pela ênfase em uma pauta até então ignorada, mas importantíssima, que é a questão dos oceanos. **(AS)**

## CERTIFICAÇÃO II

### “EMPRESAS BENFEITORAS”

**N**em toda empresa tem na margem de lucro sua motivação principal. Em todo o mundo há centenas de negócios também preocupados em gerar benefícios sociais e ambientais em sua volta. Nos Estados Unidos, esses negócios despertaram a atenção de investidores preocupados em dar sua parcela de contribuição, mas pouco afeitos à filantropia.

A organização B-Lab foi criada para oferecer a esses investidores um padrão para reconhecer e avaliar essas “empresas benfeitoras” (*benefit corporations*). A B-Lab desenvolveu o Global Impact Investing Rating System (GIIRS), um sistema de avaliação que abrange cinco aspectos: responsabilidade corporativa, empregados, consumidores, comunidade e meio ambiente. O sistema oferece uma pontuação até 200, permitindo aos investidores analisarem o nível de impacto positivo das empresas.

A partir de 80 pontos, elas podem se candidatar à certificação B-Corp, um selo que serve para orientar também os consumidores. Mais de 500 empresas possuem a certificação B-Corp, mais de 90% delas nos Estados Unidos. A maioria são pequenas e médias empresas que, juntas, somam uma receita de US\$ 3,11

bilhões. Surgido em 2006, o movimento está em expansão pelo continente. No ano início deste ano, foi inaugurado no Chile o escritório do Sistema B, um braço da B-Corp na América Latina. Já existem empresas em avaliação também na Argentina e Colômbia, e a meta é certificar 500 negócios nos próximos três anos. Mais em [sistemab.org](http://sistemab.org) e [bcorporation.net](http://bcorporation.net). **POR GISELE NEULS**

## [CERTIFICAÇÃO B] O BRASIL REPRESENTADO

A crescente economia do Brasil não está de fora desse movimento de expansão da certificação B-Corp. Com 80,8 pontos obtidos no GIIRS, a Ouro Verde Amazônia, do Grupo Orsa, é a primeira brasileira a receber um certificado. O diretor da empresa, Luis Fernando Laranja da Fonseca, conheceu a certificação em Nova York no ano

passado, quando participou de um evento do New Ventures – uma iniciativa de apoio a empreendedores ambientais do World Resources Institute (WRI).

A Ouro Verde produz e comercializa produtos feitos à base de castanha do Brasil. Como toda empresa, tem no lucro o seu combustível, mas sua preocupação com a conservação da floresta e a valorização dos coletores de castanha tem igual peso na gestão. Laranja diz que a certificação B-Corp se diferencia de outros selos de responsabilidade corporativa porque procura empresas para as quais o benefício socioambiental é tão importante quanto o sucesso do negócio. “É diferente de dizer ‘eu tenho um negócio e me preocupo com impactos que gero’. Nossa empresa é fundada no princípio de que o nosso negócio vai ajudar a sociedade sem abrir

mão do lucro”. Esse é o espírito das B-Corps. A iniciativa será apresentada durante a Conferência Ethos neste mês. **(GN)**

## [RIO+20] A PARTICIPAÇÃO DAS EMPRESAS

Durante a Rio+20, a representação empresarial será marcada por uma série de eventos que tem como objetivo propiciar a troca de experiências e a promoção de compromissos corporativos entre empresas localizadas nos quatro cantos do mundo. Da ampla agenda em pauta, merecem especial atenção as questões relacionadas à biodiversidade, aos serviços ecossistêmicos e ao capital natural. Nesse caso, destacam-se os esforços empreendidos pela Unep-FI, pelo Global Canopy Programme e pelo GVces – para engajar o setor financeiro por meio da iniciativa Natural Capital Declaration – e o Cambridge Programme for Sustainability Leadership, que, com a participação de vários atores do setor produtivo global, promove a gestão do capital natural no Pacto de Lideranças para o Capital Natural. Confira a agenda com alguns dos principais eventos empresariais:

- Evento coordenado pela Fiesp, Firjan, Fundação Roberto Marinho e Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro: entre os dias 11 e 22 de junho, no Forte de Copacabana
- Rio+20 Corporate Sustainability Forum, coordenado pelo Pacto Global das Nações Unidas e parceiros: entre os dias 15 e 18 de junho, no Windsor Barra Hotel
- Basd – Business Action for Sustainable Development, coordenado pelo World Business Council for Sustainable Development: entre os dias 20 e 22 de junho, no Windsor Barra Hotel
- Diálogos para o Desenvolvimento Sustentável – coordenado pelo governo brasileiro para a participação da sociedade civil, incluindo-se as empresas: entre os dias 16 e 19 de junho, no Riocentro (*mais sobre os Diálogos em Entrevista à pág. 50*)

Além disso, os mais de 500 eventos paralelos que ocorrerão durante a reunião oficial, entre os dias 20 e 22 de junho, incluem a participação das empresas sob diversas formas, inclusive por meio de parcerias entre os vários atores da sociedade para o futuro que queremos construir. **POR BARBARA OLIVEIRA**

## OLHA ISSO!

POR FABIO F. STORINO

### O INCONSCIENTE NO COMANDO

Em um campus universitário, alunos de graduação são convidados a participar de um experimento, dando suas impressões sobre uma pessoa fictícia. No caminho para a sala de investigação, entretanto, a pesquisadora pedia para que segurassem por um brevíssimo instante seu copo de café enquanto ela anotava algumas informações.

O resultado confirmou as hipóteses de John Bargh e Lawrence Williams em artigo publicado em 2008 na revista *Science* ([goo.gl/mdp5J](http://goo.gl/mdp5J)): aqueles que seguraram um copo de café quente tenderam a associá-la a características positivas, como “afetuosa” e “confiável”, enquanto os que seguraram um copo de *iced coffee* tiveram uma opinião menos favorável.

Os pesquisadores utilizaram-se de um efeito chamado *priming*, no qual um estímulo prévio não registrado pela memória consciente afeta nossa percepção sobre experiências subsequentes. Nesse caso, a metáfora da temperatura havia sido transferida para traços de personalidade.

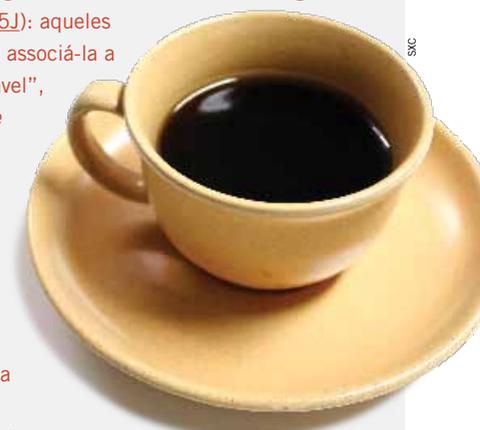
Popularizada por Freud e posteriormente relegada à “psicologia popular” nos anos 1970, a noção de inconsciente ressurgiu nos últimos anos, resgatada pela neurociência social, um campo interdisciplinar que estuda como os sistemas biológicos afetam nosso comportamento e processos sociais. Hoje ele é entendido como um mecanismo que nos permite, de maneira rápida e com muito pouco esforço, navegar pelo ambiente social — assim como a visão nos permite navegar pelo ambiente físico —, e que está no controle de algumas situações que antes julgávamos ser de domínio do nosso consciente.

Em artigo publicado em 2011 no *British Journal of Psychology* ([goo.gl/uGgp3](http://goo.gl/uGgp3)), Adrian North ofereceu a diversos voluntários um mesmo tipo de vinho, pedindo que fosse avaliado segundo algumas categorias. Quando tocava *Carmina Burana* na sala de degustação, o vinho era mais avaliado como “poderoso, pesado”, em comparação com “sutil, refinado” quando os voluntários o degustavam ao som de uma valsa de Tchaikovsky.

No recente *Subliminal: How Your Unconscious Mind Rules Your Behavior*, Leonard Mlodinow ilustra a influência do inconsciente sobre nossas decisões cotidianas com curiosos experimentos. Em um deles, o mesmo North observa que um supermercado registrava o dobro de vendas de vinhos alemães do que franceses nos dias em que uma típica música alemã tocava suavemente ao fundo, e o oposto nos dias em que tocava uma música francesa.

Em outro, uma entrevistadora abordava pessoas sobre uma ponte pedindo que preenchessem um questionário. Ao final, fornecia seu telefone em caso de “dúvidas”. Entrevistados sobre uma sólida ponte, a poucos metros de um pequeno riacho, 12,5% dos voluntários ligaram posteriormente para a entrevistadora. Entre aqueles entrevistados sobre uma ponte mais elevada e instável, metade ligou: a pulsação rápida e outros efeitos da descarga de adrenalina que tomava conta dos voluntários naquela ponte foram interpretados pelo cérebro como sinal de atração sexual.

Torçamos para que as boas propostas da Rio+20 sejam apresentadas enquanto os chefes de Estado degustam um cafezinho quente, e que as más propostas sejam regadas a mate gelado.



## [DIREITOS INDÍGENAS]

### Carta contra a exploração

No fim de abril, a empresa Georadar iniciou as buscas por reservas de gás natural e petróleo no Vale do Juruá, no Acre. A população indígena da região, no entanto, desaprovou a novidade. Eles publicaram uma carta apontando que seus direitos estão ameaçados e que não foram ouvidos antes do início dos estudos.

O documento é assinado por representantes de nove povos, quatro associações e 12 terras indígenas (TI) e é dirigido à Agência Nacional de Petróleo (ANP), ao Governo do Estado do Acre e à Georadar. Como base de defesa, estão trechos da Constituição Federal que reconhecem aos índios “os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam”. A pesquisa e a exploração de recursos hídricos nessas áreas, incluindo os potenciais energéticos, só podem ser efetivadas com autorização do Congresso Nacional e depois de as comunidades serem consultadas.

Parte do processo dos estudos de prospecção será feito com perfurações de quatro metros de profundidade no solo. Lá serão colocados explosivos que emitem ondas sísmicas e mostram locais com potencial de exploração. Segundo a carta, o mapa da Georadar mostra que essas ondas sísmicas estarão próximas às Terras Indígenas Campinas-Katukina, Poyanawa, Jaminawa do Igarapé Preto, Arara do Igarapé Humaitá e ao Parque Nacional da Serra do Divisor. Isso poderá gerar “impactos ambientais, sociais e culturais, diretos e indiretos, nos territórios, nas populações indígenas e populações tradicionais”, afirmam.

Os signatários também estão preocupados com os cerca de 400 trabalhadores que deverão chegar à região. Os forasteiros devem aumentar a demanda por recursos naturais, a geração de resíduos e ameaçam a limpeza dos rios. Diante de tantos problemas, eles reivindicam o fortalecimento das formas de representação dos povos indígenas, além de benefícios sociais, como a implantação de mais projetos de saúde e educação. Leia no site de [PAGINA22](http://PAGINA22) a íntegra da carta. **POR THAÍS HERRERO**



DORA DIAS